

Índice

O rei	9
Como se fazia em Odessa	17
O pai	27
Liubka Cossaco	37
A justiça entre parêntesis	45
O pôr do sol	53
O fim do asilo	65
Fróim Gralha	75
Notas	83

O REI

Terminada a cerimónia nupcial, o rabino deixou-se cair num cadeirão. Depois saiu da sala e viu as mesas postas ao longo do pátio. Eram tantas que a sua cauda passava para lá do portão que dava para a Rua Hospitalnaia. Cobertas de veludo, as mesas serpenteavam pelo pátio como cobras exibindo a pança de coloridos retalhos, retalhos de veludo laranja e carmesim que cantavam com voz grave.

As salas tinham sido transformadas em cozinhas. Uma grossa chama, uma ébria e farfalhuda chama, batia nas portas enegrecidas pelo fumo. Nos seus raios fumegantes, assavam as faces das velhas e os queixos trémulos do mulherio de seios viscosos. O suor rosado como sangue, rosado como a espuma de um cão enraivecido escorria desse monte espesso que exalava um fedor adocicado a carne humana. Três cozinheiras, sem contar com as ajudantes, preparavam o jantar da boda, sob o comando da octogenária Reizl, marreca e minúscula, tradicional como um pergaminho da Tora.

Antes do banquete, entrou à socapa no pátio um jovem desconhecido dos convidados. Procurou por Bênia Krik. Chamou Bênia Krik à parte:

— Olhe, Rei! — disse ele. — Tenho de lhe dizer umas palavrinhas. Foi a ti Hana da Rua Kostétskaia que me mandou...

— Muito bem — respondeu Bênia Krik, que era conhecido por Rei —, que palavrinhas são essas?

— Ontem, chegou à esquadra o novo intendente, mandou dizer a ti Hana...

— Já sabia disso desde anteontem — respondeu Bênia Krik. — E que mais?...

— O intendente reuniu toda a gente e fez-lhe um discurso...

— A vassoura nova varre melhor — respondeu Bênia Krik. — Ele quer fazer uma rusga. E que mais?...

— E quando é que ele quer fazer a rusga, sabe, Rei?

— Vai fazer amanhã.

— Vai fazer hoje, Rei.

— Quem te disse isso, rapaz?

— Disse-me a ti Hana. Conhece a ti Hana?

— Eu conheço a ti Hana. E que mais?...

— ... O intendente reuniu toda a gente e falou assim: «A gente tem de deitar abaixo Bênia Krik — disse ele —, porque numa terra onde há Sua Majestade, o Senhor Imperador, não pode haver mais reis. Hoje, enquanto Bênia estiver todo entretido na boda da irmã e todos lá estiverem, hoje, é que é o momento certo para se fazer a rusga...».

— E que mais?...

— Então, a bófia assustou-se: «Se fizermos a rusga hoje, no dia da festa dele, disseram, Bênia fica chateado e vai correr muito sangue.» Então, o intendente disse: «O meu amor-próprio é bem mais importante...»

— Agora, põe-te a andar! — disse o Rei.

— O que é que digo à ti Hana da rusga?

— Diz-lhe que Bênia sabe da rusga.

E o moço lá foi. Atrás dele saíram três sujeitos amigos de Bênia. Disseram que voltariam dentro de meia hora. E voltaram mesmo. E foi tudo.

Os convidados sentaram-se à mesa sem respeitarem idades. Uma velhice tola não é menos tolerável do que uma juventude cobarde. Também não respeitaram as fortunas. O forro de uma bolsa bem recheada é feito de lágrimas.

Nos lugares de honra, sentaram-se os noivos. Era o seu dia. Logo a seguir, sentou-se Sênder Eikhbaum, o sogro do Rei. Estava no seu direito. Têm de conhecer a história dele, porque não é uma história vulgar.

Como é que Bênia Krik, o assaltante e o rei dos assaltantes, chegou a genro de Eikhbaum? Como é que chegou a genro de um homem que possuía sessenta vacas leiteiras menos uma? Tudo tinha que ver com um assalto. Um ano antes, Bênia tinha escrito uma carta a Eikhbaum:

Excelentíssimo Sô Eikhbaum — dizia —, amanhã de manhã, tenha a bondade de pôr vinte mil rublos debaixo do portão do número 17 da Rua Sofíyskaia. Se não o fizer, então, espera-o uma coisa nunca antes vista e Odessa inteira vai falar de si. Respeitosamente, Bênia, o Rei.

Três cartas, cada uma mais clara do que a anterior, ficaram sem resposta. Então Bênia passou à ação. Pela calada da noite, apareceram nove fulanos, nove fulanos armados de compridos bastões. Os bastões estavam enrolados em estopa untada com breu. Na vacaria de Eikhbaum, acenderam-se nove estrelas resplandecentes. Bênia arrombou os cadeados do barracão e começou a tirar as vacas, uma por uma. Lá fora, esperava-as um fulano de facalhão em punho. Derrubava cada vaca de um só golpe, cravando-lhes a lâmina no coração. Na terra ensopada de sangue, floriram tochas como se fossem rosas de fogo e ribombaram os disparos. Com os tiros, Bênia afugentava as operárias da ordenha, que se precipitaram para a vacaria. Seguindo-lhe o exemplo, outros salteadores começaram a disparar para o ar, porque já se sabe, se não se disparar para o ar, pode matar-se alguém. Então, quando a sexta vaca caiu aos pés do Rei com um mugido moribundo, Eikhbaum, em ceroulas, lançou-se para a vacaria e perguntou:

— O que vem a ser isto, Bênia?

— É assim: não há dinheiro, não há vacas, sô Eikhbaum. É como dois vezes dois.

— Chega aqui a casa, Bênia.

Lá dentro, chegaram a acordo. As vacas degoladas foram divididas a medias. A Eikhbaum foi garantida a imunidade, confirmada com certificado selado. Mas o milagre aconteceu depois.

Durante o assalto, naquela noite medonha, quando as vacas esfaqueadas mugiam e os vitelos escorregavam no sangue materno, quando as tochas rodopiavam como negras donzelas e as raparigas

da ordenha saltavam e guinchavam à vista do cano afável das *Brownings*, naquela noite medonha, a filha do velho Eikhbaum, Tsília, apareceu no pátio apenas com uma ousada camisa de noite. Então, a vitória do Rei transformou-se em derrota.

Passados dois dias, sem aviso prévio, Bênia devolveu a Eikhbaum todo o dinheiro que tinha levado e mais tarde, à noite, apareceu como visita. Envergava um fato cor de laranja e, sob o punho da camisa, reluzia-lhe uma pulseira de diamantes. Entrou na sala, cumprimentou Eikhbaum e pediu-lhe a mão da sua filha Tsília. O velho teve um ligeiro chilique, mas não se foi abaixo. O velhote ainda tinha uns bons vinte anos para viver.

— Oiça bem, Eikhbaum! — disse-lhe o Rei. — Quando o senhor morrer, faço-lhe o enterro no melhor cemitério judaico, vai ficar mesmo logo à entrada. Faço-lhe um monumento de mármore cor-de-rosa. Faço-o *gabai*¹ da Sinagoga Bródskaia. Deixo a minha atividade, Eikhbaum, e faço-me sócio do seu negócio. Vamos ter duzentas vacas, Eikhbaum. Eu mato todos os leiteiros, menos o senhor. Nenhum ladrão se vai atrever a pisar a rua onde o senhor mora. Vou construir-lhe um casarão na Estação Dezasseis...² E lembre-se, Eikhbaum, de que o senhor também não era nenhum santo, quando era novo. Aqui entre nós, quem é que falsificou o testamento? Olhe que vai ter por genro um Rei, e não um ranhoso qualquer, mas um Rei, Eikhbaum...

E ele, Bênia Krik, conseguiu o que queria, porque todo ele era paixão, e a paixão impera no mundo. Os recém-casados passaram três meses na fecunda Bessarábia entre vinhas, mesa farta e suor amoroso. Depois Bênia voltou para Odessa para casar a irmã, a quarentona Dvoira, que sofria da doença de Basedow³.

E agora, que já contámos a história de Sênder Eikhbaum, podemos voltar à boda de Dvoira Krik, a mana do Rei.

No jantar, serviram perus, frangos assados, gansos, peixe recheado e *ukhá*⁴ com umas ilhotas de limão de reflexos nacarados. Por cima das cabecinhas mortas dos gansos, baloiçavam flores que se assemelhavam a penachos vaporosos. Mas desde quando é que a espumosa maré-alta do mar de Odessa lança na praia frangos assados?

Naquela noite azulada, naquela noite repleta de estrelas, tudo o que há de nobre no nosso contrabando e tudo o que existe de famoso no nosso mundo faziam, de uma ponta a outra, o seu trabalho destrutivo e sedutor. O vinho exótico aquecia os estômagos, enfraquecia melosamente as pernas, turvava o pensamento e provocava um arroteo sonoro como a chamada de uma trompa guerreira. O cozinheiro negro do *Plutarco*, chegado há três dias de Porto Said, levou para longe dos olhos da alfândega as garrafas bojudas de rum jamaicano, o licoroso vinho madeirense, os charutos das plantações de Pierpont Morgan e as laranjas dos arredores de Jerusalém. Eis o que a espumosa maré-alta do mar de Odessa lança na praia, eis o que às vezes chega aos mendigos hebreus nas bodas hebreias. No casamento de Dvoira Krik, chegou-lhes rum jamaicano. Por isso, embebedando-se como porcos imundos, os mendigos judeus começaram a bater estrondosamente com as muletas. Eikhbaum, com o colete desapertado, observava com um olho entreaberto a multidão extasiada e soluçava enternecidamente. A orquestra tocava fanfarras. Parecia uma parada militar. Fanfarras e só fanfarras. No início, os assaltantes sentados lado a lado estavam acanhados com a presença de estranhos, mas depois soltaram-se. Liova Katsap⁵ partiu uma garrafa de vodca na cabeça da sua mais-que-tudo. Mônia Artilheiro disparou para o ar. Entretanto, o entusiasmo atingiu o auge quando os convidados começaram, conforme manda a tradição, a presentear os nubentes. Os acólitos da sinagoga treparam para cima da mesa e entoaram, ao som do estrépito da fanfarra, o montante oferecido em rublos e em colheres de prata. Nesse momento, os amigos do Rei quiseram demonstrar que o sangue azul e o cavaleirismo ainda não se tinham extinguido em Moldavanka. Com um gesto indiferente, atiravam colares de coral, moedas e enormes cachuchos de ouro para as bandejas de prata.

Os aristocratas de Moldavanka lá estavam, enfarpelados com coletes cor de framboesa, de pescoço atarracado nos casacões ruivos e com o couro azul-turquesa das botas a rebentar-lhes nas pernas carnudas. De costas direitinhas e barrigas empinadas, os assaltantes batiam palmas, acompanhavam o ritmo da música, gritavam «Beijo! Beijo!» e atiravam flores à noiva. A noiva, a quaren-